Nome: Jon Ryan Dujmovich
Idade: 42
Nacionalidade: Canadense
Origem étnica: Croácio, Sueco, Italiano, francês, Indígenas da América do Norte
Instrutor

Posso afirmar que conheço as vantagens e desvantagens de uma vida multicultural pois cresci numa família e sociedade de múltiplas culturas. Lembro-me ainda de minha época escolar brincando com crianças descendentes de várias etnias espalhadas pelo mundo. Nunca questionei se eles eram canadenses ou não. Eu os considerava como meus amigos, colegas de classe, vizinho ou simplesmente, um desconhecido. A vida era aparentemente livre de preocupações, pois morávamos e brincávamos juntos.

Agora, adulto e residindo em Hamamatsu com minha maravilhosa esposa e dois lindos filhos mestiços, pergunto-me que tipo de infância eles terão. Serão eles felizes ? Os outros os tratarão com igualdade ? Terão as mesmas oportunidades que tive ? É claro que assim como todos os pais, sonho para que cresçam num ambiente afetuoso, receptivo e que sintam orgulho e consciência de suas origens, tanto a japonesa quanto às da minha parte também. Criar filhos com fortes laços culturais de ambas as partes é o desafio encarado por todas as famílias como a minha.

Muitas vezes fico triste ao escutar pessoas referindo-se aos meus filhos como "*half*"(mestiço em japonês, ou literalmente "metade"). Sei que muitos são ingênuos ao utilizarem esse termo e não têm a intenção de machucar, mas mesmo assim machucam. Acho o termo "*half*" ofensivo, uma vez que tem o sentido de que a pessoa não é inteira, como se estivesse faltando alguma coisa. O ideal seria o termo "dupla", referindo-se às nacionalidades dos seus pais (canadense e japonesa), no entanto, mesmo assim ainda fica a desejar se analisarmos com base nas variadas etnias das crianças, incluindo-se a minha. Particularmente, gostaria que houvesse um termo melhor, ou que seja dito simplesmente como "japonês", o qual certamente eles são.

Pelo fato dos meus filhos possuírem sobrenome incomum no Japão, e características faciais que sugerem ser de origem estrangeira, tenho receio de que eles sofram algum tipo de discriminação no futuro. Espero que isso nunca aconteça, mas como pai, devo deixá-los preparados.

Uma vez, eu os levei para brincarem com outras crianças e fiquei entristecido ao escutar uma mãe empurrando o seu filho em direção ao meu, dizendo: "Vá brincar com o seu amigo estrangeiro".

Por que ela disse isso? Meu filho é japonês assim como o dela ! Ele nasceu em Hamamatsu, sua mãe nasceu em Hamamatsu, e nunca morou em outra cidade. Por que ela presumiu de que ele não é japonês? Seria pelo fato de possuir nome ou aparência física diferente, ou porque o seu pai não é japonês? Quanto mais eu pensava, mais ficava triste e percebi que Hamamatsu ainda tem um longo caminho pela frente antes de abarcar o multiculturalismo, e se tornar uma cidade onde os diferentes não sejam automaticamente considerados como os de " fora".

Quando perguntaram-me se poderia participar do Programa de Facilitador Educacional Multicultural, não hesitei em responder “sim”. Criar uma comunidade que seja verdadeiramente receptiva, afetuosa e prestativa para com todos, requer iniciativa e programas como esse para elevar a consciência disso. Espero que lendo essas experiências, e aproveitando-se as lições contidas neste livro, possamos nos aproximar um pouco rumo à construção de uma cidade multicultural, onde todos os cidadãos possam orgulhosamente chamá-la de “lar”.

(Tradução da versão original em inglês)

Nome: Lissa Kikuyama
Idade: 34
Nacionalidade : Japonesa
Origem étnica: Japonesa

Coordenadora do Programa

Quando moramos em outro país, passamos por várias etapas de adaptação. Assim, penso que adaptabilidade e flexibilidade são importantes para conviver no exterior. No meu caso, morei num país multicultural, e assim como muitos descendentes de japoneses, também fui considerada japonesa.

Meus pais queriam que eu aprendesse o idioma japonês e conhecesse melhor as minhas origens. Então, quando estava na 6ª série vim fazer intercâmbio no Japão. O pouco de japonês que eu sabia era insuficiente para me aprofundar em qualquer assunto, e aos poucos fui ficando isolada. Lembro que muitos me perguntavam somente a respeito da Floresta Amazônica. Eles pensavam que o Brasil era a Amazônia. Mas Amazônia que eu conhecia era apenas através de livros e levava cerca de 4 horas de avião de onde eu morava. Retornei ao Brasil após alguns meses, e ironicamente, toda vez que saía algo sobre a Amazônia, eu lembrava do Japão.

Muitos estrangeiros são estereotipados. No Brasil, a imagem que os japoneses possuem é de que todos são naturalmente inteligentes, e justamente por isso, muitos pensavam que eu era inteligente e que obviamente falava o japonês fluente.

Quando o Japão se tornou a 2ª potência mundial na década de 80, um professor disse brincando aos alunos que caso o Japão se tornasse a primeira potência, ao invés do inglês, todos nós teríamos que aprender o idioma japonês. Devido a essa influência, muitos começaram a ter interesse no idioma, e minhas amigas costumavam me pedir para escrever em japonês. Na verdade, eu mal sabia escrever. Para minha sorte, a frase era sempre a mesma (Eu te amo), então, até hoje sei escrevê-la sem dificuldades.

Nessa mesma época, como tinha dificuldades em informática, comecei então, a freqüentar um curso. No primeiro dia de aula, o professor comentou que os japoneses estão avançados em termos de tecnologia e disse apontando para mim, de que eu deveria ser boa em informática. Estava sentada bem no fundo da sala, e nunca esquecerei dos olhares que se direcionaram a mim. Nem preciso mencionar a pressão que senti.

Estereotipar é um assunto delicado. Existe em qualquer país, e possui a força de generalizar um determinado assunto, coisa ou país de forma unilateral com base em apenas uma fonte de informação, assim como uma determinada cultura que conhecemos apenas através da mídia. Você precisa ser forte ao ser estereotipado para que isso não exerça influência na sua personalidade.

Agradeço aos meus pais pelo fato de terem me dado oportunidades de conhecer diversas culturas e ensinar-me a importância de saber mais de um idioma. Da mesma forma se um dia eu tiver filhos, gostaria que convivessem num ambiente internacional, com muitas oportunidades para conhecer pessoas de diversas origens.

Quanto mais tenho contato com pessoas de vários países, mais percebo a importância do multiculturalismo na amplitude de nossa visão.

Acredito que no mundo globalizado de hoje, uma pessoa rica culturalmente possui a base necessária para uma convivência harmoniosa num âmbito mundial.